

Ano 21 • Número 22 • 03 de junho de 2019

PIB recua e participação da Transformação chega ao mínimo da série

Déficit primário do Governo Central pouco se reduziu no 1º terço do ano

Confiança da indústria gaúcha é cada vez menor

Indústria gaúcha projeta menos empregos e investimentos

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

PIB recua e participação da Transformação chega ao mínimo da série

O PIB recuou 0,2% no primeiro trimestre de 2019 em relação ao trimestre imediatamente anterior. Foi o primeiro resultado negativo nessa base comparação desde o quarto trimestre de 2016, confirmando a perda de tração da economia que as pesquisas mensais vinham mostrando.

Nas atividades industriais, a queda de 0,7% na margem foi quase que generalizada, puxada pelas Indústrias Extrativas (-6,3%), Construção (-2,0%) e Indústrias de Transformação (-0,5%). No primeiro caso, o desastre de Brumadinho teve impacto decisivo. Já na Construção, destaca-se a dura crise que o segmento tem enfrentado desde o início de 2014, com uma média de 1,5% de queda trimestral no valor adicionado. No que tange à Transformação, já são dois trimestres consecutivos de queda na margem, o que configuraria uma recessão técnica. Ainda, a participação da Transformação no PIB chegou ao seu menor patamar desde o início da série histórica em 1996 (10,4%).

Pela ótica da despesa, destaca-se a Formação Bruta de Capital Fixo, que recuou novamente na margem (-1,7%), baixando a taxa de investimento na economia de 15,9% para 15,5% do PIB no primeiro quarto de 2019.

Com o fraco desempenho do PIB, especialmente nas últimas duas divulgações, houve uma redução na taxa acumulada em 4 trimestres, saindo dos 1,4% observados até o terceiro trim. de 2018 para os 0,9% até o primeiro trim. de 2019. De maneira geral, nota-se que o Serviços e a Agropecuária puxaram a economia para

cima, enquanto que a Indústria tem colocado o ritmo de crescimento para baixo. Diante desse cenário, é fundamental mobilizar o setor secundário para elevar o ritmo de crescimento da economia.

Os últimos resultados mostram que a recuperação será ainda mais lenta do que se projetava. Nesse sentido, a reforma da Previdência pode impulsionar a atividade, mas não vai gerar um crescimento vigoroso. O aprofundamento das privatizações e concessões, o avanço de um plano de desburocratização e simplificação da economia, a aprovação da reforma tributária e, claro, a própria reforma da Previdência, irão pavimentar o caminho para o desenvolvimento de longo prazo. Mas, como temos visto, este processo demanda tempo.

PIB

(Variação %)

	1ºtrim19/ 4ºtrim18*	1ºtrim19/ 1ºtrim18	Acum. em 12 meses
PIB	-0,2	0,5	0,9
OFERTA			
Agropecuária	-0,5	-0,1	1,1
Indústria	-0,7	-1,1	0,0
Extrativa mineral	-6,3	-3,0	0,6
Transformação	-0,5	-1,7	0,1
Energia e saneamento	1,4	4,7	3,3
Construção civil	-2,0	-2,2	-2,0
Serviços	0,2	1,2	1,2
DEMANDA			
Consumo das famílias	0,3	1,3	1,5
Consumo da adm. pública	0,4	0,1	-0,1
Formação bruta de capital fixo	-1,7	0,9	3,7
Exportação de bens e serviços	-1,9	1,0	3,0
Importação de bens e serviços (-)	0,5	-2,5	5,8

Fonte: IBGE

Déficit primário do Governo Central pouco se reduziu no 1º terço do ano

Na semana passada, a Secretaria do Tesouro Nacional (STN) divulgou as estatísticas fiscais para abril de 2019. No resultado acumulado no primeiro quadrimestre deste ano, o déficit primário do Governo Central foi de R\$ 2,6 bilhões (a preços de abril de 2019), significativamente menor do que os R\$ 4,3 bilhões negativos no mesmo período do ano passado.

Pelo lado da arrecadação, houve queda de 0,4% (em termos reais) na receita líquida, influenciada pela atividade econômica menos intensa e os seus impactos sobre a arrecadação tributária. Destacam-se as quedas de 11,5% no IPI e de 9,1% na COFINS. Entretanto, a receita menor foi mais do que compensada pelo recuo de 0,8% na despesa primária, puxado pelo corte na despesa discricionária (-18,7%), principalmente em Saúde (-30,5%) e Educação (-30,5%).

Cabe lembrar que, à exemplo do que aconteceu em 2018, os ministérios têm executado despesa em nível inferior aos limites autorizados, o que influencia negativamente as despesas discricionárias. Contudo, mesmo que esses recursos “empoçados” sejam executados integralmente até o fim do ano, é improvável que haja um crescimento do gasto discricionário, pois o governo precisará compensar o crescimento dos gastos obrigatórios. Até o momento, a

despesa obrigatória cresceu 0,6% em 2019, com os benefícios previdenciários, por exemplo, crescendo 2,2%. Com isso, a despesa obrigatória tem girado em torno de 91% do gasto primário total. Ademais, os contingenciamentos anunciados devem reduzir ainda mais o gasto discricionário.

Por fim, pelo último Relatório Bim. de Avaliação de Receitas e Despesas, a tendência é que o déficit primário do Gov. Central feche 2019 bem próximo da meta de R\$ 139,0 bilhões. Se isso se confirmar, representará uma sensível piora em relação ao ano passado (R\$ 110,8 bi à preços de hoje). Contudo, as projeções não incorporam o leilão dos campos de petróleo da cessão onerosa da Petrobrás, o que pode melhorar o primário em cerca de R\$ 50 bilhões.

Resultado Primário Gov Central acum. Jan/Abr

(em R\$ bi. a preços constantes)

	2018	2019	Var.
Receita	535,6	539,2	0,7%
Transferências	88,4	93,8	6,1%
Receita líquida	447,2	445,4	-0,4%
Despesa	451,5	448,0	-0,8%
Obrigatória	419,0	421,6	0,6%
Discricionária	32,5	26,4	-18,7%
Resultado	-4,3	-2,6	-

Fonte: STN. IBGE

Confiança da indústria gaúcha é cada vez menor

Entre abril e maio, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, recuou 3,2 pontos ao passar de 60,9 para 57,7 pontos. Essa foi a quarta queda consecutiva, acumulando perda de 9,4 pontos e atingindo o menor nível desde novembro de 2018. Ou seja, os empresários gaúchos continuam confiantes (o indicador ainda está acima de 50 pontos), mas a confiança é cada vez menor.

Todos os indicadores que compõem o ICEI/RS caíram em relação a abril e estão, em maio de 2019, em seu menor nível desde outubro de 2018.

Após três quedas consecutivas, que levaram a uma perda de 7,9 pontos, o Índice de Condições Atuais (ICA) registrou 50,4 pontos em maio, 2,8 a menos que abril e praticamente sob o patamar neutro (50 pontos). O Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira (ICA-EB) caiu 5,3 pontos em relação a abril, levando-o, somado às duas quedas anteriores, aos 48,2 pontos, patamar no qual indica piora (abaixo dos 50), o que não ocorria desde outubro de 2018. O Índice de Condições Atuais das Empresas (ICA-E), aos 51,6 pontos em maio, mostra a mesma tendência negativa nos últimos meses, mas continuou apontando melhora.

Já o Índice de Expectativas (IE) para os próximos seis meses, na quarta queda consecutiva, passou de 64,6 em abril para 61,3 pontos em maio. Apesar disso, seguiu revelando otimismo (acima dos 50 pontos). Mais uma vez, o principal impacto veio do subcomponente

relacionado à economia brasileira, cujo índice (IE-EB) recuou de 62,2 em abril para 57,7 em maio (-14,3 pontos nos últimos quatro meses). Com 63,1 pontos, o Índice de Expectativas das Empresas (IE-E) recuou 2,8 pontos na comparação com abril.

Após o choque de otimismo com o resultado eleitoral, a confiança da indústria gaúcha converge para um patamar mais realista. Além da acomodação natural do excesso, o clima de incertezas gerado pelas dificuldades políticas do novo governo e pelo desempenho econômico frustrante vem diminuindo a confiança dos empresários. Nesse cenário, a perspectiva de avanço das Reformas ainda sustenta a confiança dos empresários, mas somente o andamento efetivo delas será capaz de evitar novas quedas e alterar a tendência de baixa vista nos últimos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Indústria gaúcha projeta menos empregos e investimentos

Segundo a Sondagem Industrial do RS, pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela FIERGS, a indústria gaúcha iniciou o segundo trimestre de 2019 com um recuo da produção e do emprego. De março para abril, os indicadores, respectivamente, passaram de 52,2 para 49,3 pontos e de 50,7 para 48,4 pontos.

É importante ressaltar que, conforme demonstra a média histórica deles para o mês de abril de 48,8 (produção) e 48,0 pontos (emprego), essas quedas são normais para o período. Acima dos 50 pontos, os resultados indicam aumento e os abaixo sinalizam queda ante o mês anterior.

A indústria gaúcha em abril continuou com ociosidade elevada. A utilização da capacidade instalada (UCI), aos 69,0% em abril, repetiu o patamar dos meses de fevereiro e março, ficando pouco abaixo da média histórica do mês (69,9%). Da mesma forma, para os empresários gaúchos, ela continuou distante do nível normal. O índice de UCI em relação ao usual, que segue o critério de pontos, recuou de 45,2 em março para 43,1 pontos em abril. Abaixo de 50, mostra uso da capacidade abaixo do comum para o mês.

A Sondagem de abril mostrou também que mesmo

reduzindo a produção, a indústria gaúcha não conseguiu ajustar todo o excedente de estoques acumulados desde março. Em abril, o indicador de estoques em relação planejado ficou em 52,3 pontos, 2,2 abaixo de março, mas ainda acima dos 50 pontos, que significa estoques acima do planejado pelas empresas.

Com o quadro mais adverso para o setor em abril, os industriais ficaram menos otimistas com a demanda e já começaram a projetar demissões nos próximos seis meses. Houve reduções em todos indicadores de expectativas entre abril e maio: demanda (de 60,1 para 55,9 pontos), quantidade exportada (de 58,9 para 54,6) e compras de matérias-primas (de 57,1 para 54,1). Vale destacar que o indicador de número de empregados (de 52,5 para 49,0) foi o único que caiu abaixo dos 50 pontos, que separam crescimento (quando acima), de queda (quando abaixo).

Com o cenário menos favorável para a demanda futura e o alto nível de ociosidade, a intenção de investir da indústria gaúcha também sofreu um ajuste expressivo para baixo em maio. O índice caiu de 54,8 em maio para 48,6 pontos em abril. Em maio, 49,7% das empresas revelaram intenção de investir nos próximos seis meses, no mês anterior esse percentual foi de 58,2%.